

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte CORREIO BRAZILIENSE

Class.: KARAJÁ 387

Data 25/07/93

Pg.: _____

Projeto tenta manter língua dos carajás

Cida Almeida

Da Sucursal

Goiânia — O Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Universidade Católica de Goiás desenvolverá durante este semestre o Projeto Etnolinguístico Carajá de Aruanã — município distante 310 quilômetros de Goiânia, localizado no vale do Araguaia —, com o objetivo de manter viva a língua, as tradições e as lendas desta comunidade indígena, que habita hoje uma área de pouco mais de um quarteirão nos limites da própria cidade. O público alvo do projeto são as crianças de até 12 anos da aldeia de Aruanã.

A proposta é envolver os índios mais velhos no projeto, que ainda falam a língua materna, assessorados por monitores bilíngues, coordenadores educacionais da Funai e antropólogos e linguistas da Universidade Católica. “Nossa intenção é prin-

cipalmente preservar o aspecto mágico-cosmológico da língua, que é uma forma de manter vivas as tradições que constituem parte fundamental de sua identidade”, destaca o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, 32 anos, coordenador do projeto.

Explica o coordenador do Projeto Etnolinguístico Carajá de Aruanã que o processo de resgate da língua será fundamentado em uma descrição linguística da professora Marita Porto, da Universidade Federal de Goiás, uma espécie de gramática normativa dessa nação indígena. Também irão atuar no projeto monitores bilíngues que já trabalham com o Carajá na aldeia de Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal (TO). Serão utilizados textos, fitas cassetes, cartilhas, “slides” e fotos e registros históricos de 1948, que estavam no acervo do Smithsonian Institution, de Washington D.C. (EUA), reproduzidos especialmente para o projeto. O material didático da primeira etapa do projeto será financiado pela entidade norte-americana Companheiros da América, que liberou dois mil dólares.

Massacre — O projeto para

resgatar a língua Carajá foi elaborado pelo IGPA para se contrapor ao rápido processo de aculturação do grupo, que vive em uma cidade que integra o roteiro turístico do estado. Explica o coordenador do projeto, Manuel Filho, que a cidade de Aruanã foi fundada junto à aldeia, o que fez com que índios e brancos se misturassem ao longo do tempo. Outro agravante foi a redução da área da aldeia de 11 para um hectare. O contato com a sociedade nacional influencia principalmente os mais novos e um dos primeiros aspectos atingidos por esta identidade mista é exatamente a língua oral.

O grupo de Aruanã está reduzido a aproximadamente 50 pessoas, sendo metade crianças. “No final das contas, apesar de entenderem, eles têm vergonha de falar a língua materna”, diz o professor Manuel Filho. A língua Carajá tem aspectos interessantes. A tradição determina modos diferentes de falar para o homem e a mulher. “Não temos muita esperança de que as crianças falem a língua, mas sua revivência pode ajudar a manter a identidade”, acrescenta o coordenador do projeto.